

UTILIZAÇÃO DA *THUYA OCCIDENTALIS* NO TRATAMENTO DA PAPILOMATOSE CANINA

GABRIELLA MARIA DIAS DE OLIVEIRA¹, SCHELLA THAÍS CAVALHEIRO¹, MARIELY THAIS DE SOUZA²

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária no Centro Universitário Fundação de Ensino Octávio Bastos

²Docente do Curso de Medicina Veterinária - Departamento de Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais no Centro Universitário Fundação de Ensino Octávio Bastos

RESUMO

A papilomatose canina é uma doença infectocontagiosa, provocada pelo vírus do gênero *Papillomavirus* e família *Popillomaviridae*. As lesões cutâneas são identificadas como massas tumorais, exofíticas, benignas de formas verrucosas na maior parte dos casos, comparadas ao formato de couve-flor em região cutânea, ocular e principalmente oral. A transmissão da doença ocorre através do contato direto ou indireto com as secreções e/ou sangue provenientes dos papilomas presentes nos animais contaminados. O tratamento da papilomatose é realizado através de diferentes protocolos terapêuticos que são instituídos quando as lesões não apresentam cura espontânea, como a crioterapia, eletrocirurgia, remoção cirúrgica, auto-hemoterapia, autovacinas, quimioterápicos, imunostimulantes e fármacos homeopáticos, incluindo portanto o estudo das terapias integrativas, dentre elas, o uso de fitoterápicos por meio da planta medicinal *Thuya occidentalis*, ação destacada por seu resultado terapêutico de sucesso na papilomatose canina.

PALAVRAS-CHAVE: Homeopatia, papilomatose, *Thuya occidentalis*, vírus.

INTRODUÇÃO

A papilomatose é uma doença infecciosa, causada pelo vírus do gênero *Papillomavirus*, da família *Popillomaviridae*, são pequenos com cerca de 55nm e não possuem envelope, características que permitem maior resistência do vírus no ambiente, ao éter, em pH ácido, aos solventes lipídicos, apresentam DNA de fita dupla e simetria icosaédrica, (WALL; CALVERT, 2006). Sobrevive por até 63 dias a 37°C, porém em temperaturas entre 45 e 80°C por 60 minutos inativam o vírus (NICHOLLS et al, 1999). Sua especificidade se dá por espécies animais em órgãos ou tecidos, podendo ocorrer lesões de forma isolada ou múltiplas, localizadas principalmente na região oral, genital, ocular e cutânea (BRANDSMA, 1994). O vírus se replica apenas nos núcleos dos queratinócitos, células constituintes da camada mais externa da epiderme (ZACHARY, 2013).

A transmissão da doença acontece por contato direto ou indireto com secreções ou o sangue procedente dos papilomas nos animais contaminados e também podendo ser em decorrência da transmissão iatrogênica, através da utilização de instrumentos contaminados (VIEIRA; POGGIANI, 2012).

A papilomatose canina é uma doença altamente contagiosa, podendo acometer ninhadas inteiras, não tem predileção por sexo, raça e faixa etária (FERNANDES, 2009), porém os mais jovens com até um ano e os imunodeprimidos são os mais comumente afetados (LANGE et al., 2013). A morbidade é alta em hospitais veterinários, clínicas veterinárias, canis e ambientes com alta rotatividade de animais. No entanto, a mortalidade é baixa, com exceção dos casos com complicações secundárias e que comprometam o estado geral do animal (CORRÊA; CORRÊA, 1992).

O diagnóstico é atribuído através das características das lesões, achados clínicos e técnicas moleculares que objetivam a identificação específica do DNA viral, dentre eles, a detecção viral, imunohistoquímica, microscopia eletrônica e a histopatologia (BREDAL, 1996).

Segundo Megid (2001), o tratamento é realizado quando se observa comprometimento do estado geral do animal, pela dificuldade de alimentação, por obstrução faringiana e/ou quando as recidivas são frequentes.

Os tratamentos convencionais incluem: ressecção cirúrgica, uso de drogas antivirais, auto vacinas e/ou imunomoduladoras. O uso de medicamentos homeopáticos é uma alternativa no tratamento da papilomatose canina, pois com essa terapêutica é possível estimular as defesas inespecíficas do organismo e assim promover a eliminação do agente agressor e o desaparecimento das lesões (QUEIROZ et al., 2015). Entre as plantas mais utilizadas existe a *Thuya occidentalis*, que é indicada, pois possui atividade mitogênica e um polissacarídeo presente nela que inibe antígenos,

além de ser indutor do subgrupo de células T (Offergeld et al., 1992). De acordo com Monteiro & Coelho (2008), a ação *Thuya* parece estar relacionada à presença de um óleo volátil em sua composição que é imunestimulante e purificador sanguíneo. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo destacar a importância através da revisão bibliográfica da utilização da *Thuya Occidentalis* no tratamento da papilomatose canina.

REVISÃO DE LITERATURA

Na medicina veterinária, as terapias integrativas estão sendo cada vez mais utilizadas, devido sua eficiência em tratamentos associados a protocolos terapêuticos. Portanto, a homeopatia é uma especialidade médica e farmacêutica, que consiste em compreender a administração de doses mínimas de substâncias capazes de proporcionar sinais idênticos aos da doença que se intenciona reverter. Baseia-se em um sistema filosófico e científico, fundamentado em princípios e metodologias próprias, com objetivo de tratar integralmente o animal. Sendo indicada em casos agudos e crônicos. Possuindo como vantagem o custo acessível, fácil aplicação e resultados rápidos comparados às demais terapias (MEDIO, 2004).

Segundo Guedes (2009), o tratamento homeopático é uma forma alternativa em tratar anormalidades do organismo, utilizando da energia retirada de diversas substâncias encontradas nos vegetais, animais e também nos minerais, e isto é conseguido através de um processo de preparação realizado por um farmacêutico especializado que produz os medicamentos homeopáticos, pobres em substância e ricos em determinados tipos de energia.

Levando em consideração os seus benefícios, a homeopatia torna uma opção no tratamento da papilomatose canina. No Brasil, existe uma planta bastante utilizada na medicina, a *Thuya occidentalis*, que é recomendada como expectorante, diurético, anti-helmíntico e no tratamento do reumatismo, atuando também no sistema renal e no epitélio. Conhecida popularmente como pinheiro, com capacidade de estimular defesas inespecíficas do organismo e facilitar a eliminação do agente agressor, justificando a remissão quase completa das lesões em poucos dias de tratamento, não possuindo atividade mutagênicas, tóxicas ou cancerígenas. Comprovando ser altamente eficaz de acordo com seus resultados (QUEIROZ, 2018).

O nome papiloma é atribuído a lesão única, diferenciando das lesões múltiplas chamadas de papilomatose. Essa patologia se apresenta, com lesões exofíticas verrucosas de consistência dura que se propagam para meio exterior, endofíticas com sua propagação para meio interno e podem apresentar de forma plana, relacionadas com placas que não apresentam características papilíferas. A forma mais comum é a exofítica, variando de pequenos nódulos circunscritos até grandes massas irregulares. Geralmente apresentam superfície áspera e friáveis, aspecto comparado a formato de couve-flor e coloração com tom branco acinzentada a negra (ZACHARY, 2013).

Wall e Calvert (2006) relatam que não há predileção por sexo, raça dos animais e sazonalidade na ocorrência da doença. A transmissão ocorre por contato direto ou indireto com secreções ou sangue provenientes dos papilomas, embora lesões na superfície epitelial favoreçam a infecção. O papillomavírus possui mecanismos de evasão da resposta imune do hospedeiro, que permitem a sua replicação e manifestação patogênica

É uma afecção tumoral caracterizada como hiperplasia benigna da epiderme a camada mais externa da pele, suas lesões são evidenciadas principalmente em região oral em língua, lábios, faringe, palato e esôfago, acometendo também região cutânea e ocular (ZACHARY, 2013).

Difícilmente os papilomas provocam alterações graves, porém, podem prejudicar o estado geral do animal. Dependendo de determinadas complicações e de sua localização, como ocorre nos casos de papilomatose canina oral, podendo provocar dificuldade de deglutição por obstrução faríngea, seguida de disfagia, agravamento do quadro e morte (BREDAL et al, 1996). O progresso da doença nesses casos, evidencia a necessidade do diagnóstico precoce e intervenção terapêutica, visando um melhor prognóstico. Assim sendo a *Thuya Occidentalis* é uma alternativa medicamentosa eficiente, utilizada de forma oral e tópica. O fármaco *Thuya 30CH* deve ser administrado na dose de 0,5 ml/animal, por via oral, a cada 12 horas durante no mínimo 15 dias decorrentes (FERNANDES et al, 2009). Sua afinidade quanto aos resultados positivos perante os papilomas, parece estar relacionada ao óleo volátil presente na sua composição, o qual é um imunestimulante e purificador sanguíneo (MONTEIRO; COELHO, 2008). A ação imunestimulante comprova sua eficiência para a papilomatose canina, uma vez que, a doença é mais suscetível aos animais imunossuprimidos. A forma tópica, apresentada como “tintura-mãe” de *Thuya Occidentalis* ou *Thuya Avícola*, pode ser utilizada diretamente nas lesões, a cada 12 horas por 15 dias seguidos ou mais, atua como agente cauterizante nos papilomas, acelerando o processo de recuperação cutânea (VALSA; FELZENSZWALB, 2001).

Como forma de prevenção, os cães, especialmente os susceptíveis a contaminação da doença devem ser separados daqueles diagnosticados com a enfermidade, evitando o contato direto entre os animais e a contaminação indireta por meio de secreções (QUEIROZ et al., 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A papilomatose é uma doença oportunista, caracterizada principalmente por lesões exofíticas verrucosas, de consistência dura, com coloração branco acinzentadas e negras, localizadas na maioria dos casos em região oral de cães imunossuprimidos. Apesar de apresentar baixa letalidade, podem prejudicar o estado geral do animal, sendo necessário um diagnóstico precoce e a utilização de terapias integrativas, com o intuito de proporcionar uma recuperação rápida e uma qualidade de vida para esses animais. O tratamento homeopático e fitoterápico com o uso da *Thuya occidentalis* mostraram-se eficazes principalmente por seu efeito imunoestimulante e cauterizante, certificando uma rápida regressão das lesões, e dessa forma, podem ser recomendados para a enfermidade, além de serem econômicos e de fácil aplicação. Presume ainda a necessidade de pesquisas e estudos referentes a homeopatia veterinária, visando uma comprovação fidedigna de suas vantagens.

REFERÊNCIAS

- BRANDSMA, J.L. **Animal models of humanpapillomavirus associated oncogenesis**. Intervirology, Basel, v. 37, n. 3-4, p. 189-200, 1994.
- BREDAL, W. P.; THORESEN, S. I.; RIMSTAD, E.; ALEKSANDERSEN, M.; NAFSTAD, P. H. J. **Diagnosis and clinical course of canine oral papillomavirus infection**. Journal of Small Animal Practice, Oxford, v. 37, n. 3, p. 138-142, 1996.
- CORRÊA, W. M.; CORRÊA, C. N. M. **Enfermidades infecciosas dos animais domésticos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1992. 843p.
- FAVROT, C. **Complete canine papillomavirus life cycle in pigmented lesions**. **Veterinary Microbiology**, v. 162, n. 1, p. 388- 395, 2013.
- FERNANDES, M.C.; RIBEIRO, M.G.; FEDATO, F.P.; PAES, A.C.; MEJID, J.; **Papilomatose oral em cães: revisão da literatura e estudo de doze casos**. Ciências Agrárias, Londrina, v. 30, n. 1, p. 215-224, jan./mar. 2009.
- GUEDES, J.R.P. **Ultradiluição homeopática de triiodotironina altera a apoptose celular da cauda de girinos de Rana catesbeiana: in vitro**. 2009. 60p. Tese (Doutorado- Área de concentração em Patologia) -Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LANGE, C. E.; TOBLER, K.; SCHRANER, E. M.; VETSCH, E.; FISCHER, N. M.; ACKERMANN, M.; MEDIO, H. **Veterinaria Homeopatica**, Kier Editorial, 2004.
- MEGID, J.; DIAS JUNIOR, J.G.; AGUIAR, D.M.; NARDI JUNIOR, G.; SILVA, W.B.; RIBEIRO, M.G.; **Tratamento da papilomatose canina com Propionibacterium acnes**. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP - Botucatu, SP. Arq. Bras. Med. Vet. Zootec. vol.2001 no.5 Belo Horizonte Oct. 2001.
- MONTEIRO, V.L.C.; COELHO, M.C.O.C.; *Thuya occidentalis* e papilomatose. **Brazilian Homeopathic Journal**, v. 10, n. 1, p. 16-21, 2008.
- NICHOLLS, P. K.; KLAUNBERG, B. A.; MOORE, R. A.; SANTOS, E. B.; PARRY, N. R.; GOUGH, G. OFFERGELD, R.; REINECKER, C.; GUMZ, E.; SCHRUM, S.; TREIBER, R.; NETH, R.D.; GOHLA, S.H.;1992. **Mitogenic activity of high molecular polysaccharide fractions isolated from the cupressaceae Thuja occidentalis L. enhanced cytokine-production by thyapolsaccharide, g-fraction**. Fraction (TPSg). Leukemia, v. 6, Suppl. 3, p. 189–191. 1992.
- QUEIROZ, F.F. ;RODRIGUES, A.B.F.; DI FILIPPO, P.A.; ALMEIDA, A.J.; SILVEIRA, L.S. **Thuya occidentalis CH12 como tratamento alternativo da papilomatose canina**. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro-UENF. JANEIRO 2015.
- QUEIROZ, J.R.; **Uso da auto-hemoterapia associada a Thuya Occidentalis e Thuya Avícola no tratamento da papilomatose oral canina** (Relato de caso). Mossoró, UFERSA, 2018.
- STANLEY, W.; M. A. **Naturally occurring, nonregressing canine oral papillomavirus infection: host immunity, vírus characterization, and experimental infection**. Virology, New York, v. 265, n. 2, p. 365-374, 1999.

- VALSA J.O.; FELZENSZWALB, I. Genotoxic evaluation of the effect of *Thuya occidentalis* tinctures. **Revista Brasileira de Biologia**. v.61, n.2, p.329-332, 2001.
- VIEIRA, L.C. e POGGIANI, S.S.C. **Papilomatose canina**. PUBVET, Londrina, V. 6, N. 16, Ed. 203, Art. 1357, 2012.
- WALL, M.; CALVERT, C. A. **Canine viral papillomatosis**. In: GREENE, C. E. Infectious disease in the dog and cat. 3.ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 2006. p. 73-78.
- ZACHARY, J. F., MCGAVIN, M. D. **Bases da patologia em veterinária**. 5ª Ed. Elsevier, Rio de Janeiro; 2013. p. 2724.